

FORMANDO LEITORES: Uma proposta de ensino do texto literário

Emelson José Silva dos Santos

Mestrando em Letras- Profletras pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

E-mail: emelsonjose33@gmail.com

José Batista de Souza

Mestre em Letras – Profletras pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: jbdesouza@bol.com.br

RESUMO

Vários autores têm apontado os desafios encontrados quando o educador tenta trabalhar com o texto literário em sala de aula (Pereira Debarba, 2001; Viegas, 2014; Brito *et al*, 2014; entre outros). Ciente dessa realidade, esta pesquisa tem como objetivo apresentar alguns dados obtidos a partir de uma experiência realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do município de Coronel João Sá - Bahia. Tendo como material de trabalho o conto “Bárbara”, pertencente ao escritor Murilo Rubião, foi criada uma sequência didática, sequência nos moldes de Cosson (2011). A análise da experiência aponta uma mudança de postura dos discentes frente ao texto literário. Uma mudança tanto na forma de enxergá-lo, como também no modo de se portar diante dele.

Palavras-chave: Formação do Leitor; Leitura; Texto Literário.

ABSTRACT

Several authors have pointed the challenges faced by educators who try to work with literary texts in classrooms (Pereira Debarba, 2001; Viegas, 2014; Brito *et al*, 2014; among others). Aware of this reality, this paper aims to present some data obtained through an experience carried out with students of the 9th grade from a public school in the town of Coronel João Sá, state of Bahia. Making use of the story “*Barbara*”, by the author Murilo Rubião, a didactical sequence was created under the model of Cosson (2011). The analysis of the experience points out to a change in teachers’ behavior in face of the literary text. A change both in the way of seeing it and in the way of approaching it.

Keywords: Formation of readers, reading, literary text.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de literatura na educação básica brasileira tem sido um assunto de grande inquietação de muitos docentes, devido às dificuldades que muitos têm enfrentado para trabalhar com o texto literário, de modo que o aluno se sinta parte das aulas e compreenda a importância que esse tipo de texto tem para a sua formação, não apenas a escolar, mas também a geral. Tais dificuldades não ocorrem por acaso, mas, têm raízes na formação

docente que, em muitos casos ficou a desejar, fator que corrobora para um ensino de literatura desafiador (BRITO *et al* 2014; PEREIRA DEBARBA, 2001).

Dessa forma, as aulas de leitura do texto literário nas escolas, geralmente são marcadas por um ensino tradicional desse texto – aquele focado no estudo e na aquisição de informações a respeito do autor e da obra, realizados de forma não muito empolgante para a aprendizagem discente.

A literatura tem como uma de suas principais premissas humanizar o indivíduo (CÂNDIDO, 1995), fazendo-o sair de uma posição de inércia para uma posição ativa. Ou seja, visa torná-lo verdadeiramente humano, sendo capaz de compreender o outro com seus problemas e dilemas; compreender as problemáticas que permeiam a sociedade na qual está imerso e, principalmente, compreender a si mesmo, seus limites, defeitos e qualidades. Além disso, a literatura possibilita ao indivíduo, o desenvolvimento do senso crítico, necessário à luta contra as injustiças sociais e em favor da democracia.

Através da literatura, podemos ampliar tanto o conhecimento da cultura que nos envolve, como também podemos conhecer a cultura do outro, com toda a sua riqueza. Assim, práticas de letramento se fazem necessárias no tocante ao contexto mencionado (KLEIMAN, 2002), para que os alunos possam ler não apenas o que está na materialidade do texto, mas também nos implícitos do mesmo.

Nesse viés, esse artigo¹² se pauta numa forma diferente de ler o texto literário, uma leitura na qual o aluno seja ativo no processo, participe na construção do sentido do texto, extraia do mesmo sentidos outros que extrapolem a materialidade linguística e compartilhe a experiência de fazer uma leitura coletiva do texto literário, diferentemente do que tem feito por muito tempo, ou seja, a leitura do texto literário como um ato solitário de ler (SANTAELLA, 2004).

Assim, o objetivo desse trabalho é apresentar alguns dados obtidos a partir de uma experiência realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública da Bahia, referente à leitura do texto literário.

¹² Para efeito de esclarecimento, apenas o resumo desse trabalho foi submetido ao I Encontro Nacional de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas (2017) e à Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação – UFS (2019). No entanto, o trabalho completo nunca foi publicado nem divulgado por qualquer meio.

Tendo como material de trabalho o conto “Bárbara”, do escritor mineiro Murilo Rubião, (um conto do realismo mágico), foi criada uma sequência didática, sequência nos moldes de Cosson (2011), para testar uma nova metodologia de trabalho com o texto literário.

Esse trabalho está configurado da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos algumas considerações acerca da literatura. Na segunda, fazemos uma discussão do texto literário e sua importância na formação discente. Na terceira, apresentamos a metodologia do trabalho, pautada numa sequência didática, seguida da análise dos dados e das considerações finais.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA

Antes de enveredarmos por qualquer conceito de literatura, faz-se mister enfatizar, logo de início, o fato de que esse termo, por possuir uma elasticidade semântica muito grande, automaticamente nos impede de escolher um conceito que seja considerado melhor e mais correto do que outro(s), razão pela qual serão apresentados aqui diferentes conceitos que, de uma forma ou de outra, se entrecruzam.

Para Cosson (2011, p. 16), “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo”. Nessa ótica, por ser uma palavra de sentido amplo, pressupõe que a compreensão da mesma está atrelada ao seu contexto, ou seja, à sua cultura, à época ou à sociedade na qual a mesma está presente. Assim, o que pode ser considerado literatura para uns, pode não ser para outros.

Segundo Abreu (2006, p. 15), “não há consenso quando se trata de gosto e, especialmente, de gosto literário”, motivo pelo qual cada um deve respeitar o direito do outro no tocante às suas escolhas literárias, sem nenhuma espécie de julgamento, afinal, no contexto da literatura, uma das premissas é que o indivíduo esteja sempre em contato com a leitura, mesmo que não se trate de leitura canônica¹³. Além disso, a autora sinaliza a complexidade de definir literatura, de classificar determinado livro como bom ou ruim, a não necessidade de apreciação do mesmo tipo de texto por todos e a não aceitação da ideia de uma única maneira correta de ler literatura (ABREU, 2006).

¹³ Na língua portuguesa, o termo em geral significa tradição, regra, norma ou preceito. No campo histórico, para os filólogos alexandrinos, a palavra cânone era entendida como uma confecção de uma lista de autores (escritores e oradores) significativos para o estudo da língua. Disponível em: <https://redacaoasletras.wordpress.com/2016/04/16/o-que-sao-obras-canonicas/>.

Dessa forma, uma das diversas maneiras de compreender a literatura é enxergando-a como uma manifestação artístico-cultural que auxilia o homem na sua comunicação com o outro, seja ela oral ou escrita. Trata-se de uma manifestação artística utilizada pelo homem para (re)construir o mundo no qual está imerso, valorizando sua história e sua cultura, utilizando-se de todo o poder estético possibilitado pela mesma para expressar suas ideias, costumes e valores, cabendo a cada um descobrir a forma de ler que melhor lhe apraz e as obras com as quais tem mais afinidade, afinal, ler tem muito a ver com gosto pessoal e, a leitura mais produtiva é aquela escolhida pelo leitor.

Vendo de uma maneira mais profunda, o autor Antônio Cândido vai além do que se expôs nessa discussão inicial, considerando a literatura também uma questão de direito humano, assim como são coisas básicas como educação, moradia, trabalho, saneamento básico, saúde, justiça social, etc. Para ele, a literatura diz respeito a:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. [...] a literatura concebida no sentido amplo [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CÂNDIDO, 1995, p. 174-175).

Analisando com atenção o exposto pelo autor, percebe-se quão ampla é a visão do mesmo em relação a esse bem cultural e universal – a literatura –, abarcando todas as criações realizadas no contexto social e, o mais importante no trecho acima, é a compreensão da literatura como uma necessidade de todo o ser humano, constituindo assim, um direito humano.

Essa maneira de pensar do autor tenta superar barreiras encontradas na educação, barreiras essas bastante difíceis de serem ultrapassadas, uma vez que nosso contexto social sempre foi marcado por uma elite, que sempre teve direito à educação, de qualidade, diga-se de passagem, e uma classe pobre que sempre esteve na contramão desse direito, lutando bravamente para consegui-lo a duras penas.

Assim, fica claro como a literatura é rica e o quanto a mesma pode estar em toda a parte, significando e ressignificando a vida humana, trazendo alegria, suspense, deleite, momentos de nostalgia, esperança, enfim, vida, afinal, literatura é algo inerente à vida, não é à toa que Cândido (1995) a trata como um direito humano universal.

Assim, no contexto do ensino fundamental, é necessário que a literatura esteja sempre presente nas aulas, para que possa oportunizar aos alunos o direito enfatizado por Cândido (1995), pois:

Quando, desde pequenas, as pessoas não são incentivadas ao hábito de leitura, mais propensas elas estão a negarem o mesmo quando mais velhas. Logo, pode-se dizer que a falta de aulas literárias no ensino fundamental é um fator que contribui para a resistência do aluno durante o ensino médio, pois é preciso ter um conhecimento prévio de literatura para poder aprofundá-lo, e quando o aluno vê a dificuldade na leitura, acaba desgostando (BRITO *et al.*, 2014, p. 46).

Talvez o fato de o aluno desgostar da literatura assim que chega ao ensino médio se dê em virtude da forma como o professor a trabalhou no ensino fundamental. Assim, se o trabalho foi feito de modo tradicional, certamente o aluno chega à nova etapa de sua educação com um pé atrás em relação à literatura. Por outro lado, se o trabalho com ela apresentar um aspecto de inovação diferente, mais adequado ao seu público, é bem provável que a recepção seja bem melhor.

Assim, cabe ao professor ter um cuidado na seleção das obras literárias com as quais vai trabalhar, optando por aquelas que, após uma análise cuidadosa, tenham condições de significar e ressignificar a vida dos alunos/leitores, e não simplesmente em virtude de o autor pertencer ao cânone literário. A esse respeito:

Por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto de textos em circulação. Os critérios de seleção, segundo boa parte dos críticos, é a literariedade imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como o prestígio do autor ou da editora que o publica, por exemplo. Entretanto, na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. Dois textos podem fazer um uso semelhante da linguagem, podem contar histórias parecidas e, mesmo assim, um pode ser considerado literário e o outro não (ABREU, 2006, p. 39).

Isso se justifica porque, o que é considerada boa literatura, ou melhor dizendo, Grande Literatura, é aquela produzida por escritores renomados, que já construíram seus nomes no cenário literário, aclamados e respeitados pela crítica literária. Assim:

Para que uma obra seja considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literatura pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo de Literatura quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto de bens simbólicos (ABREU, 2006, p. 40)

Mas, na verdade, essa não é a forma correta de fazer um juízo de valor sobre uma obra literária. O correto seria fazer uma análise da mesma sem qualquer espécie de preconceito em relação ao autor, mesmo que ele seja anônimo e extrair dela todo o seu potencial.

Se a literatura é considerada um direito humano universal, como já foi salientado em passagens desse texto, negar a um autor desconhecido o potencial de seus escritos é simplesmente demonstrar explicitamente o preconceito gratuito, uma vez que não há nenhum elemento no campo literário capaz de julgar um texto como bom ou ruim simplesmente pela sua origem. Nessa linha de raciocínio:

Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à função inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe o que sugere (CÂNDIDO, 1995, p. 178).

Ou seja, pouco importa quem escreveu, o que importa é a forma como o texto foi escrito, as características inerentes ao mesmo, o seu poder de prender o leitor, de fazê-lo ficar horas a fio viajando no mundo imaginário da literatura, construindo-se a partir da mesma. É óbvio que ler uma boa obra e saber que ela pertence ao cânone literário, estimula o leitor a querer conhecer o autor e experimentar obras outras por ele escritas, o que não anula o seu interesse em fazer leituras não consideradas canônicas. Assim, é interessante que os professores apresentem aos alunos a literatura canônica e a não canônica, para que eles tenham a oportunidade de beber dessas duas fontes diferentes na classificação, mas tão parecidas no valor para sua formação enquanto leitor.

3 O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

O Ensino Fundamental, segunda etapa da educação básica, é um momento bastante importante para o ensino da leitura do texto literário, uma vez que, a partir da compreensão desse tipo de texto nessa etapa, o aluno terá condições de compreender as diferentes funções apresentadas por ele e de beber dessa fonte tão rica, pois, como enfatiza Cosson (2011, p. 17), “na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”.

No entanto, grandes desafios surgem no caminho do professor, especificamente nessa etapa intermediária da educação básica (VIEGAS, 2014; BRITO *et al.*, 2014). Um desses desafios é trabalhar o texto literário num contexto em que o livro didático e o currículo escolar pouco contribuem. Ou seja, temos um currículo nessa etapa educacional que não privilegia o trabalho e o ensino do texto literário de forma planejada, contextualizada, como algo integrado ao projeto pedagógico da escola. Além disso, os livros didáticos pouco contribuem, uma vez que, no Ensino Fundamental II, o texto literário aparece apenas sob a forma de gêneros textuais, seguidos de questões a respeito dos mesmos e de seus autores, tudo de forma muito tradicional. “A formação do professor e o livro didático constituem os dois pontos centrais para a dinamização do ensino de literatura” (VIEGAS, 2014, p. 262).

Sabe-se que, diariamente, na escola, a atividade de leitura é bastante praticada pelos alunos, sob a orientação dos professores, que lhes dão todas as coordenadas para que façam uma “boa leitura”. No entanto:

Não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário (COSSON, 2011, p. 26).

Ou seja, o simples ato de ler não necessariamente significa que o aluno está fazendo uma leitura literária. Para tal, o mesmo precisa ler a materialidade linguística, ler as entrelinhas, fazer pontes com outros textos, se perceber no texto lido e, se dar conta de que os textos não são elementos ficcionais apenas, mas parte da realidade de todos nós, pois, apesar de vários textos tratarem de fantasia e ficção, de uma forma ou de outra têm a ver com a vida humana. É nessa perspectiva que o letramento literário se concretiza.

Nesse contexto, segundo Abreu (2006), percebe-se que a escola ensina a ler e a gostar de literatura desde a mais tenra idade, e também, que alguns alunos aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que a maioria aprende é o que deve dizer sobre determinados livros e autores, independentemente do seu gosto pessoal.

Ou seja, a forma tradicional de ler o texto literário, como enfatizado por Brito (2014) é a que mais se percebe entre os estudantes e, mesmo entre pessoas já experientes, nota-se um comportamento de não valorizar determinadas obras de qualidade, simplesmente por elas não

serem consideradas parte do cânone. É nesse momento que o professor precisa ter um papel mais ativo, um papel de desconstruir uma ideia arraigada de que só devemos ler obras canônicas. Trabalhando com essa desconstrução no Ensino Fundamental, o leitor literário estará sendo formado cotidianamente. Para isso:

[...] a busca de novas metodologias e a formação do professor de literatura evidenciam que a ponte entre a Universidade e a Escola Básica precisa se fortalecer. Os estudiosos de literatura precisam levar em conta, em suas pesquisas, as experiências com seu objeto de estudo nesse espaço de circulação social e formação do leitor que é a escola (VIEGAS, 2014, p. 260).

Assim, quanto mais a universidade preparar o professor para o ensino de literatura na escola básica, mais consistente será o trabalho docente e melhores serão os resultados obtidos pelos alunos no tocante à compreensão da importância da literatura em suas vidas.

Literatura é o sentimento do homem. Literatura é o homem em si e, por isso, não é possível viver sem ela. Quanto antes o aluno entender isso, mais rápido ele irá se adaptar à leitura. Literatura clássica em si é a representação do ser humano, através dos mitos e histórias que tentam desvendar os mistérios da vida. Quando o aluno tem consciência disso, torna-se mais interessante para ele estar em contato com essa leitura no seu dia a dia (BRITO *et al.*, 2014, p. 48).

Nesse viés, para que o aluno aprenda a gostar de literatura, não há nenhuma espécie de mágica, mas, um trabalho sério realizado pelo professor no dia a dia da sala de aula, fazendo o aluno enxergar que a literatura é parte de sua vida e, dessa forma, é fundamental que o mesmo tenha uma compreensão clara acerca da mesma e consiga fazer uso dela em sua vida cotidiana.

Portanto, sugere-se que o letramento literário acompanhe as três etapas do processo de leitura (antecipação, decifração e interpretação), por um lado, e por outro, o saber literário, tendo em mente a distinção em relação à aprendizagem da linguagem, ou seja, a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários (HALLIDAY, s/d *apud* COSSON, 2011).

4 METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesse trabalho seguiu os passos da sequência básica de Cosson (2011), quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação. Tendo como material de

trabalho o conto “Bárbara”, do escritor mineiro Murilo Rubião, foi elaborada uma sequência didática básica, cujo objetivo foi mostrar formas diferentes de se ler um texto literário. Essa sequência didática foi aplicada numa turma de 9º ano de uma escola de Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Coronel João Sá, Bahia, tendo a duração de 5 aulas. Segue o modelo:

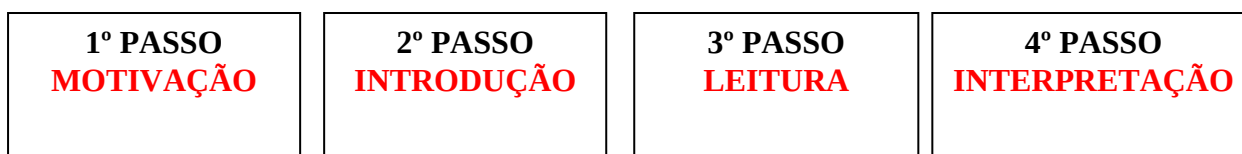


Figura representativa da sequência didática básica de Cosson (2011). Fonte: criada com base em Cosson (2011) pelos autores

Antes de trabalhar o referido conto, foi feito um momento de motivação, primeiro passo da leitura do texto literário segundo Cosson (2011), como mostra a imagem acima, com duração de uma aula (das 3 seguidas no mesmo dia na turma do 9º ano). Essa motivação partiu de uma palavra-chave do conto (a palavra MANIA), já que uma das características mais marcantes do conto é a mania que a protagonista Bárbara tem de pedir as coisas, das mais simples às mais “impossíveis”. Assim, para motivar os alunos para a leitura do conto, foi solicitado que eles se organizassem em um círculo e observassem a palavra mania na lousa, escrita com letras bem grandes.

Com o círculo organizado, foram feitos questionamentos sobre o sentido da palavra exposta na lousa. Vários alunos deram suas opiniões, dando alguns exemplos (mania de coçar a cabeça, de colocar o dedo no nariz, de passar a mão no cabelo, etc.). Assim que ficou claro para todos o sentido da palavra em análise, todos foram encorajados a falar de suas manias, ou, se não tivessem, que falassem de manias de algum parente ou amigo. Saíram muitas respostas e, a aula passou rapidamente, sem contar que foi bem divertida.

O segundo passo da leitura do texto literário segundo Cosson (2011) é a introdução do texto, que consiste na apresentação da obra e do autor sem, no entanto, se prender a detalhes biográficos, para não cansar o aluno. Nessa parte, o professor deve falar sobre a obra e sua importância naquele momento, justificando assim a sua escolha. Desse modo, foi apresentado o conto “Bárbara”, dito que o autor era um escritor mineiro já falecido, e que o mesmo havia sido bastante importante para a literatura de seu estado. Justificou-se a escolha do mesmo

dizendo que tinha a ver com a discussão sobre mania e que se tratava de um texto bastante interessante, já preparando o terreno para que os alunos ficassem curiosos para ler o conto. Essa introdução foi feita de forma cuidadosa, durando uma aula.

O terceiro passo da leitura do texto literário segundo Cosson (2011) é a leitura propriamente dita. Os alunos recebem o conto e passam a lê-lo. Assim, os mesmos foram orientados a fazer uma leitura de reconhecimento do vocabulário do texto, e outra mais atenta, tentando compreender o conteúdo do mesmo em uma aula.

O quarto passo da leitura do texto literário segundo Cosson (2011) é a interpretação. Nesse momento, foram feitos vários questionamentos aos alunos sobre o conto, inicialmente questionamentos básicos, de reconhecimento, como personagens, espaço, local, enfim, perguntas mais superficiais, as quais os alunos responderam em parte, deixando algumas sem resposta. Depois, algumas perguntas mais extra-texto, como por exemplo: O que vocês acham do comportamento de Bárbara, que queria tudo o que via pela frente? Vocês conhecem alguém assim no dia a dia? Vocês se acham muito consumistas? Por que vocês acham que Bárbara engordava tanto? As manias de pedir da personagem eram normais?. Essa etapa também durou uma aula e, no final, foi combinado com os alunos que, na aula seguinte, haveria uma competição entre meninos e meninas a respeito do conto, com o intuito de que eles relessem o mesmo com mais atenção.

Na aula seguinte, foi feita uma gincana com perguntas e respostas sobre o conto. Foi bastante divertido, porque os dois grupos queriam ganhar. Ao todo, foram feitas 32 perguntas, e, coincidentemente, a gincana terminou empatada. Mas não foi cada grupo acertando na sua vez. O placar se alternava bastante. Ora um grupo colocava uma vantagem de 3 ou 4 pontos, ora o outro tirava. Foi uma aula bastante proveitosa e, o melhor, os alunos ficaram bastante familiarizados com o conto “Bárbara”, diferentemente do que ocorria em outras leituras tradicionais do texto literário, o que demonstra que um bom planejamento faz toda a diferença.

3.1 Resultados obtidos

Percebeu-se, a partir dessa prática, que os alunos vibraram bastante com toda a sequência didática realizada. Houve um interesse e participação bastante significativos, o que não se

percebeu em momentos anteriores, quando o texto literário era trabalhado de forma tradicional, como no caso do conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, o qual havia sido trabalhado bem antes com os alunos, mas não houve uma aceitação e participação consideráveis justamente pela forma tradicional de ler o conto, ou seja, a leitura feita em silêncio pelos alunos e depois, explicada pelo professor, com algumas perguntas para testar as informações adquiridas.

Notou-se que os alunos ficaram à vontade diante do texto literário, sem o peso da obrigação de ler. Em síntese, a análise da experiência aponta uma mudança de postura dos discentes frente ao texto literário. Uma mudança tanto na forma de enxergá-lo, como também no modo de se portar diante dele, uma prova de que, quando o professor modifica a forma de trabalhar com o texto literário, a recepção dos alunos também muda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo se incumbiu de discutir uma temática bastante importante no contexto da literatura – o trabalho com o texto literário, muitas vezes tratado no âmbito escolar a partir de metodologias tradicionais que, em grande parte dos casos, acaba afastando os alunos desse tipo de texto e de todo o conhecimento que o mesmo pode lhes proporcionar. Questões como diferentes visões acerca do conceito de literatura foram colocadas no bojo da discussão, por compreendermos, a partir da visão de alguns autores, que não há um único conceito de literatura, mas vários.

Os desafios para se trabalhar o texto literário de modo mais inovador foi um dos pontos centrais desse trabalho, visto que os docentes têm passado por muitas dificuldades para levar o texto literário aos alunos e fazer com que eles tomem gosto pelo mesmo. Enfim, encontramos como metodologia a sequência didática básica de Cosson, a qual fica de indicação para todos aqueles que queiram testar uma nova forma de trabalhar com o texto literário de forma mais dinâmica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.
BRITO, Camila Andrade et al. Literatura clássica: os desafios para incentivar esse tipo de leitura. **Crátulo**, Patos de Minas, n. 7, p. 44-55, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. “**O Direito à Literatura**”. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Texto literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2011.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. São Paulo: Unicamp, 2002.

PEREIRA DEBARBA, Conceição Aparecida. O Ensino de Literatura e os desafios da atualidade. **Linhas**, Florianópolis, n. 1, p. 1-5, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. Alguns desafios do ensino de literatura na educação básica. **Gragoatá**, Niterói, n. 37, p. 255-267, 2014.